

# ARTE E ANTROPOCENO: O ECOATIVISMO DA BANDA METAL GOJIRA NO CONTEXTO INDÍGENA AMAZÔNICO

ART AND ANTHROPOCENE: THE ECOACTIVISM OF THE METAL BAND GOJIRA IN THE AMAZONIAN INDIGENOUS CONTEXT

**Nathalia Magdalena Uliana Gomes**  
**PPGAV-UNICAMP**

## Resumo

Este artigo investiga o papel da arte no contexto do Antropoceno, com foco no Artivismo, movimento que combina a expressão artística e o ativismo sociopolítico, através da análise do gênero musical Metal, e sua fusão com a Ecocrítica, denominado Ecometal, representado aqui pela banda francesa Gojira. A pesquisa explora como a arte pode sensibilizar e engajar o público em questões ambientais urgentes. No presente artigo, o videoclipe *Amazonia* é considerado um exemplo de artivismo que denuncia o desmatamento, as queimadas, e a violência contra os povos indígenas da região amazônica. Combinando elementos musicais, visuais, e narrativos, a obra de Gojira traduz a problemática das crises ambientais para o imaginário coletivo, promovendo uma consciência crítica e mobilizadora.

## Palavras-chave:

Antropoceno; artivismo; ecometal; Gojira; Amazônia.

## Abstract

*This article investigates the role of art in the context of the Anthropocene, focusing on Artivism, a movement that combines artistic expression and sociopolitical activism, through the analysis of the musical genre Metal, and its fusion with Ecocriticism, called Ecometal, represented here by the French band Gojira. The research explores how art can raise awareness and engage the public in urgent environmental issues. In this article, the music video Amazonia is highlighted as an example of artivism that denounces deforestation, fires, and violence against indigenous peoples in the Amazon region. Combining musical, visual, and narrative elements, Gojira's work translates the problem of environmental crises into the collective imagination, promoting a critical and mobilizing consciousness.*

## Keywords:

*Anthropocene; artivism; ecometal; Gojira; Amazonia.*

## INTRODUÇÃO - ARTE E ANTROPOCENO

É inegável que o conceito de Antropoceno, proposto para descrever uma nova era geológica marcada pela profunda interferência humana nos sistemas naturais do planeta, tem suscitado discussões nas mais distintas áreas do conhecimento no mundo contemporâneo. Fato esse já descrito pelo renomado cientista climático James Hansen: “A mudança climática provavelmente será a principal questão científica, econômica, política e moral do século XXI” (Hansen; Sato, 2011, p. 1).<sup>1</sup> Nas artes, as discussões acerca do Antropoceno também se fazem presente. Contudo, perante essa problemática, um novo paradigma se interpõe. “O que pode a arte frente ao desafio de (sobre)viver em meio às veias abertas do Antropoceno?” (Cardoso, 2024, p. 5). Qual a relação, e a relevância da arte neste assunto?

Acerca disso, o proeminente ativista climático Bill McKibben, apontou em seu artigo *What the warming world needs now is art, sweet art* (2005), fatores relevantes a fim de nortear essa relação entre arte e Antropoceno. Ao discorrer sobre aquecimento global, o autor pontuou que, embora os dados e estatísticas estejam à disposição da sociedade, essas questões não foram registradas no interior do indivíduo, indicando que os aspectos culturais e sensíveis são fundamentais na promoção deste conhecimento e conscientização.

Para McKibben (2005), a arte se apresenta como ferramenta necessária de ação na conscientização sensível e imagética da temática do Antropoceno. O autor justifica:

O tempo avança rapidamente, de maneiras que os seres humanos jamais contemplaram. Aquela famosa imagem da Terra vista do espaço, transmitida pela Apollo no fim da década de 1960 – já não é mais o mundo que habitamos; seus polos estão derretendo, seus oceanos estão subindo. Podemos registrar o que está acontecendo com satélites e instrumentos científicos, **mas conseguimos registrar isso em nossa imaginação, o mais sensível de todos os nossos dispositivos?** (McKibben, 2005, [s.p.], grifo nosso).<sup>2</sup>

A ideia do ativista coincide com a da romancista Amitav Ghosh, quando sugere que a mudança climática é “um desafio no nível

da representação, pois temos que encontrar novas maneiras de imaginar os seres e eventos impensáveis desta era” (Ghosh *apud* Collinson, 2019, p. 142). Em concordância, a artista e pesquisadora brasileira Walmeri Cardoso também apresenta a arte como potência do pensar sensível, afirmando que é necessário “imaginar um mundo onde o sentir, o sonhar e o imaginar impulsionem a nossa potência de agir e de construir novas formas de estar e de fazer mundos” (Cardoso, 2024, p. 6).

De fato, os diálogos que emergem da conjugação entre o sensível e imaginário presentes no campo da arte com a problemática do Antropoceno, podem ser exemplificados nas mais distintas formas artísticas. Porém, neste contexto, pretende-se ratificar a premissa da arte como ferramenta necessária de ação na conscientização sensível e imagética da temática do Antropoceno, conforme apresentado anteriormente.

Desta forma, para o presente artigo, buscamos evidenciar este trânsito entre campos por meio do Artivismo (Arte + Ativismo),<sup>3</sup> definido de forma sucinta por Andrew Boyd, em *Beautiful Trouble* (2012), como “a interseção entre arte e ativismo, que explora a imaginação crítica e sensível para desenhar eventos e estratégias que provocam novas questões e novos significados em busca de modos mais respeitosos de se viver” (Boyd, 2012, [s.p.]).<sup>4</sup>

Sobretudo, o Artivismo aqui observado trará a Ecocrítica<sup>5</sup> como fator fundamental que, aliada à música e à produção audiovisual contemporânea (videoclipe) – especificamente a que emerge do cenário do gênero musical Heavy Metal – é denominada Ecometal. Tendo a banda francesa Gojira como principal ponto de análise, especificamente a música *Amazonia*, do álbum *Fortitude*, de 2021 (Gojira, 2021),<sup>6</sup> e a intersecção entre sua crítica eco-política com a problemática dos povos indígenas da Amazônia no Brasil, pois, “a compreensão do Antropoceno a partir da transversalidade da poesia musical também é um caminho que soa como uma agradável melodia para o entendimento em tempos sombrios e propícios a transformações efetivas” (Silva, 2022, p. 152).

## ECOMETAL E A BANDA GOJIRA

Na contemporaneidade, a prática e o fazer artístico passam por transformações, sendo moldados por um crescente engajamento crítico em relação às questões ecológicas, as quais refletem a urgência da problemática ambiental no contexto do Antropoceno. No cenário musical, por exemplo, muitas bandas e artistas de sucesso, como Coldplay e Massive Attack, agora se recusam a fazer turnês da maneira clássica, com aviões e ônibus, devido às altas emissões de carbono (Lakatos, 2022). Por outro lado, a temática do Antropoceno também é expressa nos mais distintos níveis do fazer artístico musical.

Neste cenário, o Artivismo emerge em forma de potência artística, principalmente mediante a Ecocrítica - abordagem teórica interdisciplinar, que investiga a maneira pela qual expressões artísticas representam preocupações ambientais, questionam as dinâmicas entre humanidade e natureza, e refletem as tensões do Antropoceno (Buell, 2005), inclusive mediante a música de protesto. Sobre isso, Martin Morris (2015) observa que "tais composições não apenas retratam contextos de crítica, mas também desempenham um papel ativo na promoção de mudanças" (Morris, 2015, p. 291).

Aliada ao gênero Heavy Metal, muitas destas canções de protestos configuram-se em forma de Ecocrítica, fusão comumente nomeada de "Ecometal" (Heavy Metal + Ecocrítica), temática que permeia o gênero do Metal desde seus primórdios, com Black Sabbath, por exemplo, como observa Ian Collinson (2019):

A música heavy metal tem mantido uma longa relação com preocupações ambientais e ecológicas, uma relação que pode ser rastreada até "Into the Void" (1971), do Black Sabbath. O trabalho acadêmico, no entanto, tem sido lento em reconhecer os entrelaçamentos entre metal, meio ambiente e ecologia, seja no contexto global [...] o "lado mais sombrio" do metal não se refere simplesmente a táticas de choque e sobrecarga sensorial..., pois "o metal também faz uso de suas letras ásperas, sons agressivos e imagens visuais para expressar preocupações críticas sobre o

comportamento humano e a tomada de decisões, bem como ansiedades em relação ao futuro" (Collinson, 2019, p. 129).<sup>7</sup>

No Ecometal, a preocupação com o meio ambiente pode manifestar-se através do conteúdo lírico, da arte do álbum, da iconografia, das entrevistas para mídia, das redes sociais, dos shows e apresentações ao vivo, dos métodos de produção e do ativismo ambiental. Esse engajamento ambiental está presente no gênero Metal em diferentes partes do mundo.

Neste cenário, segundo Collinson (2019), bandas como Gojira exibem uma preocupação pronunciada com o mundo mais-que-humano (Collinson, 2019, p. 130). De fato, durante sua carreira de quase três décadas, a banda francesa de metal Gojira fixou sua produção em vários círculos temáticos, aos quais eles retornam continuamente no estrato discursivo de seu trabalho. Esses temas abrangem visões filosóficas sobre a vida e o espiritualismo, a relação do ser humano contemporâneo com seu ambiente e - conseqüentemente e em linha com as tendências atuais - os direitos dos animais.

"*When you change yourself, you change the world*" (Gojira, 2016)<sup>8</sup> é a premissa da mensagem da Banda Gojira. Sua relevância na questão do Artivismo é inegável. Porém, é pertinente ressaltar sua importância no cenário da música internacional. Hoje, a banda Gojira se estabelece como uma das mais influentes no gênero Metal à nível internacional. Sua relevância é tamanha, que Gojira foi a primeira banda de Metal no mundo à ser convidada para participar da abertura de uma Olimpíada, a de Paris, em 2024, acarretando a indicação ao Grammy de 2024 como melhor performance de Metal, onde a banda conquistou seu primeiro Grammy.

Contudo, é fundamental apontar que a Ecocrítica da banda extrapola sua arte musical e poesia lírica. Por exemplo, em novembro de 2024, o vocalista Joe Duplantier promoveu uma campanha junto ao PETA, em favor da causa animal (Waldman, 2024). Além disso, Gojira apoia abertamente a organização ambientalista de ação direta *Sea Shepherd*,



Figuras 1 e 2 - Mario Duplantier e suas artes em pele de bateria.  
Fonte: Mario Duplantier Art Gallery.<sup>9</sup>

além de ter envolvimento efetivo em diversas causas ecológicas e sociais. No site oficial do Gojira (Gojira, [s.a]), podemos visualizar todas as causas ativistas defendidas pela banda.

Não obstante, além do Artivismo musical, o baterista Mario Duplantier - que se encontra como uma das principais referências no instrumento à nível mundial, eleito duas vezes como melhor baterista de Metal do mundo - é também artista visual. Desta forma, Mario Duplantier reutiliza as peles de seu kit de bateria como material de sua práxis artística visual.

Assim, nota-se que o discurso ecocrítico da banda Gojira possui caráter multifacetado. Entretanto, para o presente artigo, pretendemos destacar a práxis audiovisual da banda francesa, em consonância a seu discurso ativista. Segundo Olivia Lucas, "a banda de metal francesa Gojira cria músicas que promovem ideias ambientalistas tradicionais sobre poluição e consumo de recursos" (Lucas, 2019, p. 485). Exemplos disso são as músicas *Toxic Garbage Island*, *A Sight to Behold (The Way of All Flesh, 2008)*, *Ocean Planet*, *World to Come* e *Global Warming (From Mars to Sirius, 2005)*.

De acordo com Mihály Lakatos (2022), a Ecocrítica performada pela banda Gojira extravasa a fronteira sonora, sendo também pontuada nos clipes e nas temáticas visuais referentes à banda. Segundo o autor, muitos desses vídeos funcionam como uma declaração política direta, em prol de questões ecológicas altamente divulgadas (Lakatos, 2022, p. 18).

Sobre isso, o ativista Andrew Boyd (2012) considera o videoclipe como uma tática de guerrilha contida no Artivismo. De acordo com suas percepções, embora a música desempenhe um papel importante na geração e sustentação de comunidades ativistas e movimentos sociais, os videoclipes de justiça social são capazes de elevar essas questões a outro patamar, combinando o poder contagiante da música com visuais atraentes para expor a injustiça e inspirar potenciais aliados à ação.

Desta forma, para expor a problemática indígena amazônica que é evidenciada pela banda Gojira, faz-se necessária uma análise introdutória múltipla, acerca da poesia lírica e do videoclipe da música *Amazonia* (Gojira, 2021), em consonância às ações ativistas também realizadas pela banda em prol da causa.

## GOJIRA, POLÍTICA E AMAZÔNIA

O depoimento do *yanomami* Davi Kopenawa elucida a distinta cosmovisão pertencente a seu povo, os *yanomami*, que habita o território na fronteira do Brasil com a Venezuela. No livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2015), Kopenawa e Albert expressam visões de mundo nas quais natureza e humanidade são inseparáveis, contrapondo-se à lógica ocidental que fragmenta o planeta e o transforma apenas em recurso.

Gostaria que os brancos parassem de pensar que nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos *xapiri*, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim, eles queiram defendê-la conosco? (Kopenawa; Albert, 2015, p. 65).

Neste ponto, faz-se necessário compreender que ao abordar o ativismo no contexto do Antropoceno amazônico, torna-se imprescindível reconhecer a Amazônia não somente como território natural geográfico, mas como um espaço de múltiplas cosmologias e modos de existência que revelam outras formas de compreender e estar no mundo, constituídos por diferentes dimensões culturais, sociais, políticas e simbólicas.

Essa perspectiva amplia o debate sobre arte e ecoativismo, pois evidencia que a crise ambiental não é apenas ecológica, mas para povos originários como os *yanomami*, é também simbólica e espiritual. Assim, ao evocar a floresta e seus povos no videoclipe *Amazonia*, a banda Gojira articula som, imagem e denúncia, ressoando um chamado ético e estético que aproxima o público para além da urgência planetária ambiental.

A música *Amazonia* aqui analisada, lançada pela Roadrunner Records, extrapola a classificação de composição da banda. É importante mencionar que a banda destinou toda a verba arrecadada com a música em prol da causa ambiental indígena na Amazônia. Além disso, houve um leilão com itens dos integrantes a fim de arrecadar fundos para a mesma causa, como pode ser visto no site da banda:

Gojira se volta para preocupações mais terrenas em *Amazonia*, um ripper exuberante entrelaçado com instrumentos folclóricos indígenas e ritmos groove-metal inspirados no Sepultura. As paisagens sonoras se inclinam para o verde, mas os temas provam tudo, menos idílicos, enquanto Duplantier examina a ameaçada floresta amazônica, concluindo: "O maior milagre/ Está queimando até o chão." Os lucros da música beneficiarão as tribos indígenas Guarani e Kaiowá, continuando a longa tradição da carreira de Gojira de aproveitar

sua música como um veículo para o ativismo ambiental (sua parceria com a Sea Shepherd Conservation Society remonta a mais de uma década). "Não queremos apenas lançar uma música chamada *Amazonia* - queremos fazer algo além disso", explica Joe. "Sentimos a responsabilidade como artistas de oferecer uma maneira para as pessoas agirem" (Gojira, [s.a]).

É interessante ressaltar que o próprio Gojira identifica como influência fundamental a banda de metal brasileiro Sepultura. Entende-se, neste momento, que tal influência se estende além do campo sonoro, pois a banda Sepultura vem há décadas construindo este diálogo e narrativa em prol dos povos originários brasileiros à nível internacional.

Sobre o videoclipe, logo no início da música *Amazonia*, ouve-se uma harmonia dissonante, com *riffs* da guitarra solo remetendo a um som tribal indígena. "A banda francesa de death metal Gojira demonstra a que veio: expor a revolta e o descaso de autoridades ambientais competentes com os povos indígenas que vivem na Amazônia brasileira" (Ferreira; Sousa; Santos, 2021, p. 599).

O videoclipe inicia adentrando à floresta amazônica (Figura 3), seguido da imagem da banda tocando em outro cenário (Figura 4) - um estúdio escuro, fechado, que destoa da ideia da floresta à luz do dia. Durante todo o enredo audiovisual, esse contraste entre ambiências se estabelece como uma espécie de *chiaroscuro* visual, mas não somente. Um jogo de imagens é proposto, com *frames* que intercalam o cenário da banda no estúdio escuro, com imagens do cotidiano indígena amazônico.

Ao longo da primeira parte do videoclipe, a narrativa visual que é apresentada por Gojira evidencia o verde da floresta, celebra a cultura e os ritos dos povos indígenas. Não há, neste momento, nenhuma menção à destruição nas imagens que se passam na floresta amazônica. Além disso, é notável a intenção comparativa entre os dois ambientes propostos no vídeo, que embora pareçam mundos distintos, são "povoados" pelos mesmos humanos.



Figura 3 - Primeiro *frame* do videoclipe *Amazonia*.  
Fonte: Gojira (2021).



Figura 4 - *Frame* do videoclipe *Amazonia* com a banda tocando em estúdio escuro em formação circular.  
Fonte: Gojira (2021).

É evidente que a banda se apropria desta dinâmica com a prerrogativa de um discurso múltiplo. O discurso ali presente não diz respeito somente à interlocução entre moderno e orgânico, ou entre Sul Global e Norte Global. Ao mesmo tempo, a narrativa que Gojira propõe parece dual, pois, à medida que separa as realidades dos dois ambientes apresentados, promovem a ideia de um diálogo de igualdade, na questão de cada indivíduo fazer parte do todo, do mundo em que vivemos, da mesma natureza e do mesmo Planeta Terra. Ideia essa descrita também pelo autor Ailton Krenak (2019), ao mencionar que: “fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade” (Krenak, 2019, p. 16).

Na música, a primeira parte da prédica, presente na letra, diz respeito a uma revolta, um chamado clássico do ponto de vista do Artivismo como tática de guerrilha artística:

Incite a riot, put yourself in a trance  
You rotate the frame in a world you rely on  
A scar, a line has been drawn in the sand  
Behold the life, the boundaries fools will crush  
(Gojira, 2021).<sup>10</sup>

Além do chamamento à revolta em prol da causa indígena, a banda faz questão de esboçar performances, se assim se pode dizer, semelhantes. Inicialmente, é importante mencionar que Gojira se apresenta neste



Figura 5 - Frame do videoclipe *Amazonia* com indígenas em dança e rito circular.  
Fonte: Gojira (2021).

videoclipe com a banda tocando em formação circular e usa desta particularidade como efeito de aproximação visual à práxis ritualística cultural indígena de danças e ritos circulares sagrados, como observado por Ana Ramires (2012).

Assim, é perceptível o jogo de *frames* que dialogam entre imagens dos indígenas amazônicos dançando em roda (Figura 5), interpondo-se à banda tocando em roda (Figura 4). Existe nesse gesto performático uma provável mensagem de posicionamento e união. Gojira aqui se posiciona de forma a somar, juntos aos indígenas, na causa amazônica. Segundo o vocalista Joe Duplantier, a música *Amazonia* é um chamado à união.

No segundo momento ou ato do videoclipe, a narrativa visual se funda na letra da composição, que também é acompanhada pela música. Até o presente momento, não havia menções de queimadas ou quaisquer violações à floresta Amazônica, assim como aos povos indígenas. No entanto, no instante em que o vocalista Joe Duplantier canta com seus vocais agressivos, “The greatest miracle is burning to the ground”,<sup>11</sup> surge no videoclipe a primeira imagem de queimadas. Já que antes, a única coisa representada era a vida e cultura daquele local (Amazônia). Doravante, o videoclipe é bombardeado por imagens reais de destruição e queimadas, que foram realizados em parceria

com os ativistas da Mídia Ninja: “O clipe contém imagens concedidas pela Mídia Ninja, além do documentário ‘Híbridos: Os Espíritos do Brasil’, de Priscilla Telmon e Vincent Moon e filmagens adicionais de Kumiko Hayashi e Hauxplay” (Mídia Ninja, 2021).<sup>12</sup>

É relevante mencionar que toda renda adquirida por meio desta música, como mencionado, foi doada à Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), conforme divulgação da própria banda, como forma de utilizar a música-protesto na defesa dos direitos ambientais e culturais dos povos indígenas da Amazônia, que sofrem o desmatamento, a perda de terras, o trabalho forçado, a violência, e o assédio. Essas imagens de queimadas e desmatamento emergem em forma de Ecocrítica que, em consonância com a estrutura musical intensa e agressiva da banda, se posicionam de forma extremamente clara, em busca de denunciar os horrores que ali ocorrem.

Segundo Ferreira, Sousa e Santos (2021, p. 599): “Seu single ratifica esse descaso, exaltando esse imenso pedaço de terra brasileiro, mostrando os ataques e malefícios que as queimadas causam as florestas, pessoas e animais que vivem nesse solo sagrado”, pois, embora o mundo saiba que a Amazônia queima, a arte do Gojira posiciona-se como crítica por meio de recursos que promovem o



Figura 6 - *Frame* do videoclipe *Amazonia*. Imagem da destruição e queimadas.  
Fonte: Gojira (2021).

manifestar do sensível e perceptível, em busca de denunciar esses acontecimentos.

A narrativa literária continua. Na música, a floresta é em momentos chamada de “bloody Amazonia”, “mighty Amazonia”, “Godly Amazonia”. Nota-se que a letra faz menções as dificuldades que os povos amazônicos enfrentam mediante a problemática das

queimadas e desmatamentos desenfreados. Além disso, no terceiro momento da narrativa visual do videoclipe, são exaltadas imagens de protestos pacíficos, os quais foram realizados em Brasília (DF) em 2021. Aqui, a crítica expressa pela banda borra as fronteiras climáticas, se constituindo também em uma crítica sociopolítica.



Figura 7 - *Frame* do videoclipe *Amazonia*. Imagem da passeata em Brasília (DF).  
Fonte: Gojira (2021).



Figura 8 - Frame do videoclipe *Amazonia*. Imagem Protesto em Brasília.  
Fonte: Gojira (2021).

Não obstante, o vocalista da banda Gojira, Joe Duplantier, que também é ativista ambiental ativo, se fez presente na manifestação pacífica ocorrida em Brasília contra o PL 490, projeto que revê a demarcação de terras indígenas no Brasil. Sobre isso, Duplantier escreveu em seu perfil pessoal na rede social Instagram: “NÃO ao PL 490! Não ao Marco Temporal! Não ao desmatamento da Amazônia. Marchando hoje em Brasília com meu amigo JAJA, os Guarani Kaiowá e todas as tribos da Amazônia unidas” (Duplantier, 2021).<sup>13</sup>

Por fim, após as imagens de destruição, a banda encerra o videoclipe com imagens da tribo da Amazônia em volta de uma fogueira, numa ação ritualística. Desta forma, Gojira expressa o dualismo do fogo, outrora apresentado com seu poder destrutivo, mas que neste momento é utilizado pela tribo como algo benéfico dentro de sua práxis ritualística e cultural. Desta forma, o fogo aqui não se apresenta como vilão, mas como um elemento ligado à prática humana, cultural e ritualística dos povos originários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Antropoceno, enquanto conceito e realidade emergente, tem colocado em xeque as formas tradicionais de entendimento e resposta às questões ambientais. Nesse contexto, a arte surge como um território fértil para a conscientização e mobilização sensível. O presente artigo propôs, de forma sucinta, uma reflexão crítica sobre o papel da arte no enfrentamento das crises contemporâneas, com especial atenção ao fenômeno do Artivismo, que une a criatividade artística ao ativismo sociopolítico e ambiental.

Por meio da análise do Ecometal, especificamente da obra da banda Gojira, observou-se como a música pode funcionar como um canal de denúncia e transformação. O videoclipe da música *Amazonia* exemplifica a capacidade do artivismo em transcender os limites do discurso tradicional, engajando não apenas o espectador, mas também comunidades em lutas específicas, como no caso dos povos indígenas da Amazônia. Ao utilizar elementos visuais, musicais, e narrativos, a banda cria um diálogo entre a arte e a Ecocrítica, reforçando a urgência de ações em prol do meio ambiente e da cultura indígena local.

A produção de Gojira evidencia o poder da arte em traduzir a complexidade das questões

do Antropoceno para o imaginário coletivo, permitindo que temas como desmatamento, queimada, e violência contra povos originários sejam sentidos e compreendidos em um nível mais profundo. Essa abordagem não apenas amplia o alcance da crítica ambiental, mas também promove uma conscientização ativa e participativa, inspirando ações concretas de resistência e transformação.

Por fim, o trânsito entre arte, Ecocrítica, e ativismo, como demonstrado neste artigo, é mais do que uma representação simbólica; é uma estratégia de engajamento que potencializa a arte enquanto ferramenta de mudança. O Ecometal e a práxis da banda Gojira reafirmam a relevância de novas formas de se pensar e agir frente aos desafios do Antropoceno, ressaltando que, em tempos de crise global, a arte pode ser tanto uma denúncia quanto uma esperança de resignificação do mundo.

## REFERÊNCIAS

BEAUTIFUL TROUBLE. **Artivismo**, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <<https://beautifultrouble.org/toolbox/pt/tool/artivism>>. Acesso em: 18 nov. 2024.

BOYD, Andrew. **Beautiful Trouble: a Toolbox for Revolution**. New York: OR Books, 2012.

BUELL, Lawrence. **The Future of Environmental Criticism: environmental Crisis and Literary Imagination**. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2005.

BULLEID, Joshua. **Vegetarianism and Science Fiction: a History of Utopian Animal Ethics**. London: Palgrave Macmillan, 2023

CARDOSO, Walmeri. **Territórios sensíveis: práticas artísticas no antropoceno**. São Paulo: Circuito, 2024.

COLLINSON, Ian. This is the Funeral of the Earth: The 'Dead-end' Environmental Discourses of Australian Ecometal. **Emerald**

**Studies in Metal Music and Culture**, Australia, v.1, p. 129-144, 2019. Disponível em: <<https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/978-1-78769-167-420191015/full/html>> Acesso em: 1 nov. 2024.

DUPLANTIER, Joseph. "NO to PL490!" [s.l.], 12 ago. 2021. **Instagram**: @joe\_duplantier. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CS-SVksJFTg/>>. Acesso em: 27 jan. 2026.

FERREIRA, José Ângelo Almeida; SOUSA, Francisca Angêla de Oliveira; SANTOS Alessandra de Sousa., Análise do Discurso de Pêcheux: a formação discursiva em músicas do estilo de heavy/thrash metal no contexto indígena amazônico. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 81, p. 591-603, 2021. Disponível em: <<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/902>> Acesso em: 1/11/2024.

GOJIRA. Band. **Gojira website**. [s.l.], [s.a.]. Disponível em: <<https://www.gojira-music.com/band>>. Acesso em: 14 nov. 2024.

HANSEN, James; SATO, Makiko. Paleoclimate implications for human-made climate change. **Climate Change: Inferences from Paleoclimate and Regional Aspects**. Springer, p. 21-48, 2011. Disponível em: <<https://www.giss.nasa.gov/pubs/abs/ha05510d.html> > Acesso em: 1 nov. 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAKATOS, Mihály. Nature as an affective background in postmillennial Romanian music videos. In: BLOS-JÁNI, Melinda; KIRÁLY, Hajnal; LAKATOS, Mihály; PIELDNER, Judit; SÁNDOR, Katalin (org.). **The View from the Anthropocene: Exploring the Human Epoch from Post-Anthropocene**. Anais [...] Debrecen, Hungria: Institute of English and American

Studies, University of Debrecen, out. 2022. Disponível em: <<https://real.mtak.hu/154117/1/Intermedial%20Encounters%20REAL.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2024.

LUCAS, Olivia. Shrieking soldiers... wiping clean the earth': hearing apocalyptic environmentalism in the music of Botanist. **Popular Music**, Cambridge, v. 38, p. 481-497, 2019. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/popular-music/article/abs/shrieking-soldiers-wiping-clean-the-earth-hearing-apocalyptic-environmentalism-in-the-music-of-botanist/8C9F6AD2044A8F240E24160FCBCF06F0>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

MCKIBBEN, Bill. What the warming world needs now is art, sweet art. **Grits**, [s.l.], 2005. Disponível em: <<https://grist.org/article/mckibben-imagine/>> Acesso em: 1 nov. 2024.

MORRIS, Martin. Extreme Heavy Metal Music and Critical Theory. **The Germanic Review: Literature, Culture, Theory**, v.90, p. 285-303, 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00168890.2015.1096167>> . Acesso em: 5 nov. 2024.

RAMIRES, Ana Lúcia Marques. Memória Social e Patrimônio Cultural nas Danças Sagradas. **Anais ANPUH-RS**, XI Encontro Estadual de História, Rio Grande, p. 1324-1336, 2012. Disponível em: <<https://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/>> Acesso em: 1 nov. 2024.

ROBISON, Daniel. **An Exploration of the Various Compositional Approaches to Modern Progressive Metal**. Dissertação (Mestrado em Artes), University of Huddersfield, Huddersfield, 2019. Disponível em: <<https://eprints.hud.ac.uk/id/eprint/34833/>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

RUECKERT, William. Literature and ecology: an experiment in ecocriticism. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (org.). **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. Athens: University of Georgia Press, 1996.

SILVA, Osvaldo José. Sendas para uma

transversalidade no antropoceno. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.15, n.45, p. 135-169, 2022. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/53857>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

WALDMAN, Elena. 'Viva la Vegan Revolución!' Gojira's Joe Duplantier Raises a Fist for Animal Rights. **PETA - Animals are not ours**, Norfolk, 25 de novembro de 2024. Disponível em: <<https://www.peta.org/blog/gojira-vocalist-joe-duplantier-join-the-vegan-revolution>>. Acesso em: 5 dez. 2024.

### Documento audiovisual

GOJIRA. Amazonia. In: GOJIRA (intérprete). Fortitude, [s.l.]: Roadrunner Records, 2021. 1 vídeo (5 min 28 s). **Youtube**, 26 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B4CcX720DW4>>. Acesso em: 2 nov. 2024.

GOJIRA. Silvera. In: GOJIRA (intérprete). Magma. [s.l.]: Roadrunner Records, 2016. 1 faixa sonora (3 min 32 s). **Youtube**, 20 de maio de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iVvXB-Vwnco>>. Acesso em: 2 nov. 2024.

MÍDIA NINJA. Gojira lança clipe em defesa da Amazônia [vídeo]. **Mídia Ninja**, [s.l.], 28 de março de 2021. Disponível em: <<https://midianinja.org/com-imagens-da-midia-ninja-gojira-lanca-clipe-em-defesa-da-amazonia/>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

MOON, Vincent; TELMON, Priscilla. **Híbridos: os espíritos do Brasil**. Documentário Brasil/França, 2017 (2018). Direção: Vincent Moon e Priscilla Telmon. Produção: Fernanda Abreu; Petites Planètes; Feever Filmes; Samba Filmes; Descoloniza Filmes. 88 min. Disponível em: <<https://hibridos.cc/po/themovie/>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

## Notas

<sup>1</sup> Tradução da autora. No original: “Climate change is likely to be the predominant scientific, economic, political and moral issue of the 21st century”.

<sup>2</sup> Tradução da autora. No original: “Time rushes on, in ways that humans have never contemplated. That famous picture of the earth from outer space that Apollo beamed back in the late 1960s – already that’s not the world we inhabit; its poles are melting, its oceans rising. We can register what is happening with satellites and scientific instruments, but can we register it in our imaginations, the most sensitive of all our devices?”.

<sup>3</sup> O termo “artivismo”, conforme definido aqui, é um amálgama de vários conceitos. Por exemplo, o conceito de “campo expandido”, de Rosalind Krauss nos anos 1960, referindo-se à escultura, e às reflexões de Ileana Dieguez sobre “cenários liminares”.

<sup>4</sup> Ver também Beautiful..., [s.d.].

<sup>5</sup> A ecocrítica é um resultado ou expressão do ambientalismo. Laurence Buell definiu a ecocrítica como sendo “conduzida em um espírito de comprometimento com a práxis ambientalista” (Buell, 2005). O termo “ecocrítica” foi cunhado no final da década de 1970 (Rueckert, 1996), mas seus antecedentes remontam há mais tempo. A busca por um ponto de início pode prender alguém em uma regressão infinita (Buell, 2005, p. 13).

<sup>6</sup> Gojira é uma banda francesa, fundada em 1996 com o nome de “Godzilla”. A sonoridade da banda foi descrita como uma combinação de estilos como death metal técnico e groove metal, mas eles também usam elementos de metal progressivo, como ritmos sincopados incomuns, bem como tercinas rápidas (Robinson, 2019).

<sup>7</sup> Tradução da autora. No original: “Heavy metal music has had a long relationship with environmental and ecological concerns, one that can be traced as far back as Black Sabbath’s ‘Into the Void’ (1971). Academic work has, however, been slow to recognize the entanglements of metal, environment and ecology in either the global context [...] metal’s ‘darker side is not simply about shock tactics and sensory overload...’, because, ‘metal also makes use of its harsh lyrics, sounds and visual imagery to express critical concerns about human behavior and decision making and anxieties about the future’”.

<sup>8</sup> Citação do original. Tradução da autora: “Quando você muda a si mesmo, você muda o mundo”.

<sup>9</sup> Imagens disponíveis em: (Figura 1) <<https://marioduplantier.com/wp-content/uploads/2013/02/header-mario21.jpg>>. (Figura 2): <<https://marioduplantier.com/wp-content/uploads/2016/05/La-d%C3%A9esse-des-mers-video-clip-2016-BassDrumhead-thegem-product-single.jpg>>. Acesso em 6 mar. 2026.

<sup>10</sup> Citação do original. Tradução da autora: “Incite um motim, coloque-se em transe./ Você gira o enquadramento em um mundo no qual confia./ Uma cicatriz, uma linha foi traçada na areia./ Contemple a vida, os limites que os tolos irão esmagar”.

<sup>11</sup> Citação do original. Tradução da autora: “O maior milagre está queimando até o chão”.

<sup>12</sup> O vídeoclipe está disponível em: <<https://midianinja.org/com-imagens-da-midia-ninja-gojira-lanca-clipe-em-defesa-da-amazonia/>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

<sup>13</sup> Tradução da autora. No original: “NO to PL490! No to Marco Temporal! No to the deforestation of the Amazon. Marching with my friend JAJA, the Guarani Kaiowa and all the tribes of the Amazon United in Brasilia today”.

## SOBRE A AUTORA

Nathalia Magdalena Uliana Gomes é mestranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Campinas (PPGAV-UNICAMP), sob orientação do Prof. Dr. Filipe Mattos de Salles. É pesquisadora, divulgadora científica e artista com especialização em Artes Visuais (UNICAMP), em História da Arte e em Psicopedagogia. Também é graduada em Música (Faculdade Nazarena do Brasil). Integra o Grupo de Pesquisa NUTRANS - Núcleo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares (Unicamp/CNPq). ORCID <<http://orcid.org/0000-0002-6892-0685>>. E-mail: na\_mag@hotmail.com

Recebido em: 29/4/2025

Aceito em: 30/10/2025